

DAVID LAGERCRANTZ

A morte e a vida de Alan Turing

Um romance

Tradução

Rogério W. Galindo

Copyright © 2009 by David Lagercrantz

Publicado em acordo com Hedlung Agency e Vikings of Brazil Agência Literária

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original sueco

Syndafall i Wilmslow, *traduzido da edição americana* (Fall of Man in Wilmslow)

Capa

Carlos Di Celio

Foto de capa

Rafael Di Celio

Preparação

Alexandre Boide

Revisão

Adriana Bairrada

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lagercrantz, David.

A morte e a vida de Alan Turing / David Lagercrantz ;
tradução Rogério W. Galindo. — 1ª ed. — São Paulo : Com-
panhia das Letras, 2017.

Título original : Fall of Man in Wilmslow
ISBN 978-85-359-2995-9

1. Computadores - História 2. Homens gays - Grã-Bretanha
3. Inteligência artificial - História 4. Matemáticos - Grã-Bretanha -
Biografia 5. Turing, Alan Mathison, 1912-1954 I. Título.

17-08042

CDD-510.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Matemáticos : Biografia e obra 510.92

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

*Opinion is not worth a rush;
In this altar-piece the knight,
Who grips his long spear so to push
That dragon through the fading light**

W. B. Yeats, "Michael Robartes and the Dancer"

* "Opiniões de nada valem;/ Neste retábulo o cavaleiro,/ Que empunha sua lança comprida para expulsar/ Esse dragão da luz evanescente." (N. E.)

1

Quando foi que ele decidiu?

Nem ele sabia. Mas, quando as dúvidas começaram a diminuir e a soar distantes como o barulho de sirenes, o peso entorpecedor sobre seu corpo se transformou numa ansiedade latejante, que ele percebeu que na verdade lhe fazia falta. A vida ganhou contornos mais nítidos. Até os baldes azuis na entrada da oficina adquiriram um brilho a mais, e cada percepção passou a conter um mundo inteiro, toda uma cadeia de eventos e de pensamentos, e a mera ideia de tentar resumir tudo isso soava inútil, até desonesta.

A cabeça fervilhava com um tumulto de imagens internas e externas e, embora a respiração já estivesse rápida a ponto de ser dolorosa, seu corpo estremeia com uma sensação intensa que beirava o desejo, como se a decisão de morrer o tivesse devolvido à vida. À sua frente, numa mesa cinza, coberta de manchas e pequenos furos que às vezes eram marcas de queimadura, mas que também podiam ser outra coisa, uma coisa grudenta, havia uma chapa elétrica, duas garrafas com um líquido preto e uma colher de chá dourada que teria um certo papel na história. Dava para ouvir a chuva lá fora. Caindo sem parar. Nunca antes os céus se derramaram assim no fim de semana de um Domingo de Pentecostes na Inglaterra, e talvez isso tivesse afetado sua decisão.

Talvez ele só tenha sido influenciado por coisas menores, como a sua ri-

nite e o fato de seus vizinhos, o sr. e a sra. Webb, terem acabado de se mudar para Styal, deixando uma sensação de que a vida estava indo embora ou até de que estava acontecendo em algum outro lugar para o qual ele não foi convidado. Não era típico dele se preocupar com esse tipo de coisa. Mas também não era atípico. Verdade que as coisas do cotidiano não tinham nele o efeito que têm no resto de nós. Ele mostrava um dom particular para ignorar a tagarelice à sua volta. Por outro lado era capaz de cair em períodos de depressão sem nenhum motivo aparente. Coisas pequenas podiam ter um efeito grande sobre ele. Eventos insignificantes podiam levar a decisões drásticas ou às mais estranhas ideias.

Agora ia usar como deixa para partir deste mundo um filme infantil sobre anões engraçados, o que era irônico, claro. Na sua vida não faltavam ironias e paradoxos. Ele tinha abreviado uma guerra e pensado de maneira mais profunda do que a maioria das pessoas sobre os fundamentos da inteligência, mas havia sido colocado em liberdade condicional e forçado a tomar um remédio repulsivo. Não fazia muito tempo, tinha ficado apavorado por causa de uma vidente em Blackpool, e passou um dia inteiro aflito por causa disso.

O que devia fazer agora?

Ele conectou dois fios que saíam do teto em um transformador sobre a mesa e pôs uma panela com um tipo de lodo preto em cima da chapa. Depois vestiu um pijama cinza-azulado e pegou uma maçã que estava numa fruteira azul ao lado da prateleira de livros. Era habitual para ele comer uma maçã no fim do dia. Era sua fruta favorita, não só por causa do gosto. As maçãs também eram... deixa para lá. Ele cortou a fruta ao meio e voltou para a entrada da oficina, e foi quando percebeu. Todo o seu ser entendeu, e com olhos cegos ele olhou para o jardim. Não é esquisito, ele pensou, sem saber de fato o que queria dizer. E então ele se lembrou de Ethel.

Ethel era sua mãe. Um dia Ethel vai escrever um livro a seu respeito, sem ter a menor ideia do que ele fazia, mas em nome da justiça é preciso dizer que isso não seria fácil. Sua vida era composta de números demais e segredos demais. Ele era diferente. Além disso, era novo, pelo menos aos olhos da mãe, e embora nunca fosse visto como um sujeito bonito e tivesse perdido o belo físico de corredor depois de uma sentença no tribunal de Knutsford, ele não era feio. Desde pequeno, quando não sabia qual era o lado esquerdo e qual era o direito e achava que o Natal basicamente podia acontecer em qualquer época

do ano — às vezes com frequência maior, às vezes menor, como outros dias bonitos e agradáveis —, tinha pensamentos que estavam totalmente fora de sua época. Ele se tornou um matemático que se dedicou a algo prosaico como o ofício da engenharia, um pensador não convencional que concluiu que nossa inteligência é mecânica, ou até mesmo computável, como uma longa e sinuosa série de números.

Mas acima de tudo, e as mães consideraram isso particularmente difícil de entender, nesse dia de junho ele não tinha mais a força necessária para continuar vivendo, e, portanto, continuou com os preparativos, que mais tarde seriam considerados estranhamente complicados. O problema era que não conseguia se concentrar. Ele ouviu um barulho, achou que eram passos vindos da porta da frente, cascalho sendo pisado, e então lhe ocorreu uma ideia absurda: alguém está trazendo boas-novas, talvez de muito longe, da Índia ou de outra época. Ele riu ou soluçou, difícil dizer o que foi, e começou a se mover, e mesmo não ouvindo mais nada, nada além dos pingos no telhado, se fixou nesta ideia: *Tem alguém lá fora. Um amigo que vale a pena ouvir*, e enquanto passava pela mesa pensou *bem me quer, mal me quer*, como uma criança arrancando pétalas de uma flor. Percebeu cada detalhe do corredor com uma exatidão vibrante que o teria fascinado em um dia melhor. Com passos de sonâmbulo entrou no quarto e viu o *Observer* na mesinha de cabeceira e o relógio de pulseira de couro preto e, bem ao lado, deixou a metade da maçã. Pensou na lua brilhando atrás da escola em Sherborne, e deitou de costas na cama. Parecia sereno.

No outro dia continuou chovendo, e o jovem investigador de polícia Leonard Corell veio andando pela Adlington Road. Ao chegar à altura da Brown's Lane, tirou o chapéu de feltro porque, apesar da chuva, estava com calor, e pensou na sua cama, não a cama miserável no seu apartamento, mas aquela que lhe esperava na casa da tia em Knutsford, e ao fazer isso sua cabeça afundou entre os ombros, como se ele estivesse prestes a dormir.

Ele não gostava do emprego. Não gostava do salário, das andanças, da papelada, nem daquela desgraça de Wilmslow, onde nunca acontecia nada. Tinha chegado ao ponto de inclusive agora não sentir nada, exceto um vazio. Porém a governanta que telefonou mencionou uma espuma em volta da boca do morto e um cheiro de veneno na casa, e sem dúvida no passado um relato como esse teria feito brotar alguma vida em Corell. Agora ele simplesmente se arrastava entre as poças e as cercas vivas dos jardins. Mais atrás ficavam o campo e a ferrovia. Era terça-feira, 8 de junho de 1954, e ele olhou para baixo, tentando achar as placas com os nomes das casas.

Quando encontrou o endereço "Hollymeade", virou à esquerda e deu de cara com um grande salgueiro que parecia uma vassoura velha gigante, e sem que isso fosse necessário parou para amarrar de novo os cadarços. Um caminho de tijolos chegava até a metade do jardim e acabava de forma abrupta, e

ele ficou pensando o que tinha acontecido ali, embora obviamente se desse conta de que, o que quer que tivesse sido, não tinha nada a ver com o caminho de tijolos. Na entrada do lado esquerdo havia uma senhora idosa em pé.

“A senhora é a governanta?”, ele perguntou, e ela fez que sim com a cabeça. Era uma senhorinha pequena e pálida, com olhos tristes, e se fosse em outra época Corell provavelmente teria aberto um sorriso gentil e afetuoso e colocado a mão no seu ombro. Agora só olhou para baixo com um ar sombrio e a seguiu, subindo uma escada íngreme, e não havia nada de agradável na caminhada, nenhum entusiasmo, nenhuma curiosidade policial, mal havia um sentimento de incômodo, meramente um “Por que é que eu preciso continuar com isso?”.

Já na entrada ele sentiu uma presença, uma intimidade no ar, e ao entrar no quarto fechou os olhos e, para ser honesto, o que talvez seja estranho em razão das circunstâncias, passaram por sua cabeça um ou dois pensamentos inapropriados de natureza sexual que não vale a pena elaborar aqui, exceto pelo fato de que pareciam absurdos até mesmo para Corell. Ao abrir os olhos, as associações vagaram sobre o quarto como uma membrana surreal, mas se dissolveram em outra coisa diferente quando ele descobriu a cama, a cama estreita, e sobre ela um homem, morto, deitado de costas.

O sujeito tinha cabelo preto e talvez pouco mais de trinta anos. Saída do canto da boca, uma espuma branca tinha escorrido pela bochecha e secado, virando um pó branco. Os olhos estavam abertos e afundados debaixo de uma testa saliente, abobadada. Embora o rosto não estivesse exatamente irradiando tranquilidade, era possível perceber uma certa resignação nos traços, e Corell deveria ter reagido com compostura. Estava acostumado com a morte, e aquele não era um final terrível, mas se sentiu mal e ainda não tinha percebido que era o cheiro, o fedor de amêndoas amargas pairando sobre o quarto, e ele olhou para fora pela janela em direção ao jardim e tentou voltar aos pensamentos inapropriados, mas não conseguiu, e em vez disso percebeu uma meia maçã na mesinha de cabeceira. Corell pensou, o que o surpreendeu, que odiava frutas.

Ele jamais teve nada contra maçãs. Quem é que não gosta de maçãs? Do bolso do casaco, tirou um bloco de anotações.

O sujeito está deitado numa posição quase normal, ele escreveu, e ficou pensando se a descrição era boa, provavelmente não, mas também não era tão

ruim. Exceto pelo rosto, o homem podia muito bem estar dormindo, e depois de rabiscar mais umas linhas — que também não o deixaram feliz — examinou o corpo. O morto era magro, estava em forma, mas o peito era mais macio do que o comum, quase feminino, e apesar de não estar sendo muito meticuloso Corell não encontrou nenhum sinal de violência, nenhum arranhão ou machucado, só uma coloração ligeiramente enegrecida na ponta dos dedos e a espuma branca no canto da boca. Ele cheirou aquilo e entendeu por que tinha se sentido mal. O fedor das amêndoas amargas penetrou na sua consciência, e ele saiu.

Na outra ponta do corredor encontrou uma coisa estranha. Em uma entrada onde havia uma janela de mansarda que dava para o jardim, havia dois fios pendurados no teto e uma panela borbulhava sobre uma mesa, da qual ele se aproximou lentamente. Aquilo seria perigoso? Claro que não! O cômodo era uma espécie de oficina para experimentos. Havia um transformador e grampos para os fios, além de garrafas, potes de geleia e vasilhas. Provavelmente nada com que se preocupar. Mas o fedor entrava por baixo da pele, e só depois de relutar muito ele se inclinou sobre a panela. Uma sopa repugnante borbulhava no fundo e, de repente, do nada, ele se lembrou de um trem correndo pela noite muito tempo antes, em sua infância, e apertou o corpo contra a mesa, ofegante. Depois saiu correndo e abriu uma janela no cômodo ao lado. A chuva continuava. Era insano o modo como caía. Mas pelo menos dessa vez Corell não praguejou contra a chuva. Estava feliz porque o vento e a água tinham feito desaparecer o fedor e as memórias amargas, e recuperando razoavelmente a calma voltou a investigar a casa.

Havia um certo ar de boemia no local. A mobília era boa, mas tinha sido organizada sem atenção ou cuidado, e era evidente que não morava uma família ali, e sem dúvida não havia crianças. Corell pegou um bloco de anotações do peitoril da janela. Nele havia equações matemáticas e em algum momento do passado é possível que ele tivesse conseguido compreendê-las. Agora não entendia nada, sem dúvida, entre outras coisas, porque a caligrafia era ruim e estava coberta de manchas de tinta, então Corell ficou irritado, ou talvez com inveja, e mal-humorado vasculhou uma cristaleira com portas de vidro à direita da janela e encontrou taças de vinho, talheres de prata, um pequeno pássaro de porcelana e uma garrafa contendo algo preto. Era semelhante ao que havia nas vasilhas na oficina, mas ela tinha um rótulo com as palavras CIANETO DE POTÁSSIO.

“Eu devia ter percebido”, ele murmurou e foi correndo para o quarto e cheirou a maçã. Tinha o mesmo cheiro da garrafa e da panela.

“Olá”, ele gritou. “Olá!”

Ninguém respondeu. Ele chamou de novo, e depois ouviu passos, e um par de panturrilhas gordas passou pela soleira. Ele olhou de modo desafiador para o rosto cinzento com os lábios finos, quase sumindo.

“Como a senhora disse que seu patrão se chamava?”

“Dr. Alan Turing.”

Corell anotou no bloco o fato de a maçã cheirar a amêndoas amargas e o nome que parecia familiar ou que, no mínimo, como tanta coisa na casa, fazia com que se lembrasse de algo.

“Ele deixou alguma coisa?”

“Como assim?”

“Uma carta ou alguma coisa que possa explicar.”

“O senhor está dizendo que ele pode ter...”

“Não estou dizendo nada. Só fazendo uma pergunta”, ele disse, de um jeito áspero demais, e quando a pobre mulher balançou a cabeça, com medo, tentou soar um pouco mais amistoso.

“A senhora conhecia bem o morto?”

“Sim, ou melhor, não. Ele sempre foi muito gentil comigo.”

“Ele estava doente?”

“Na primavera ele teve rinite.”

“A senhora sabia que ele manipulava venenos?”

“Não, não, Deus do céu. Mas ele era cientista. Eles não...”

“Depende”, ele interrompeu.

“Meu patrão se interessava por muita coisa.”

“Alan Turing”, ele continuou, como se pensasse em voz alta. “Ele era conhecido por alguma coisa em particular?”

“Ele trabalhava na universidade.”

“O que ele fazia lá?”

“Estudava matemática.”

“Que tipo de matemática?”

“Não sei.”

“Entendo”, ele murmurou e virou para o corredor.

Alan Turing. Esse nome lhe dizia alguma coisa, mas ele não lembrava

bem o quê, só sabia que não parecia ser coisa boa. Era de se imaginar que o sujeito tivesse feito alguma besteira. A chance era muito grande se Corell tivesse dado com o nome dele no trabalho, e ele andou pela casa se sentindo cada vez mais nervoso. Distraído e com raiva, coletou indícios, se é que eram dignos desse nome, mas pelo menos eram algo material: a garrafa de veneno da cristaleira e as vasilhas de vidro da oficina, uns blocos de anotações com cálculos, e também três livros com o título *Sonhos* escrito à mão.

No térreo ele dedilhou as cordas de um violino desafinado e leu as primeiras frases de *Anna Kariênina*, um dos poucos livros na casa que reconheceu, fora alguns de Forster, Orville, Butler e Trollope, e, como acontecia com frequência em outras ocasiões, seus pensamentos passaram para paisagens onde não tinham nada o que fazer.

A campainha tocou. Era Alec Block, seu colega. Era impressionante o quanto sabia pouco sobre Alec, levando em conta o fato de eles trabalharem tão próximos, e, se alguém lhe pedisse que descrevesse o colega, Corell não ia conseguir dizer muita coisa além de que era tímido e reservado e que a maioria do pessoal na delegacia o tratava mal, mas acima de tudo que tinha sardas e era ruivo, incrivelmente ruivo.

“Parece que o sujeito cozinhou veneno naquela panela ali, mergulhou uma maçã na meleca no fundo dela e deu umas mordidas”, Corell explicou.

“Suicídio?”

“Parece. Essa merda de fedor está me deixando enjoado. Você consegue dar uma olhada para ver se acha um bilhete de suicida?”

Quando o colega desapareceu, Corell pensou outra vez no trem correndo pela noite, e isso não o deixou nem um pouco mais calmo. Quando esbarrou na governanta no térreo, ele disse:

“Vou precisar falar com a senhora com mais detalhes em breve. Mas enquanto isso vou preferir que a senhora espere do lado de fora. Vamos lacrar a casa”, e num ímpeto de gentileza pegou um guarda-chuva no hall e, quando ela reclamou que aquilo pertencia ao dr. Turing, ele bufou discretamente, aquilo certamente era uma demonstração um pouco excessiva de respeito. Com certeza ela podia usar um guarda-chuva emprestado. Depois que ela aceitou e desapareceu no jardim, ele vagou pela casa outra vez. Perto do morto encontrou um exemplar do *Observer* de 7 de junho, o que indicava que o homem estava vivo no dia anterior, e ele anotou isso entre os outros fatos. Quan-

do deu uma olhada em mais uma caderneta de cálculos matemáticos, foi tomado por um estranho desejo de acrescentar alguns números que iam suplementar ou complementar as equações do sujeito, e como tantas vezes antes se transformou em um policial não muito concentrado no serviço. Obviamente, o mesmo não poderia ser dito de Block.

Ele voltou parecendo ter encontrado algo interessantíssimo. Não havia, ou pelo menos não tinha encontrado, um bilhete de suicida, mas achou coisas que pareciam apontar numa direção diferente: dois ingressos de teatro para a semana seguinte e um convite para o encontro da Royal Society em 24 de junho, ao qual escrevera, numa resposta que nunca enviou, que compareceria, e, apesar de Block provavelmente perceber que não era lá uma grande descoberta, era visível que esperava ter aberto um novo caminho. Eles não eram tão habituados com assassinatos em Wilmslow, mas Corell imediatamente descartou a ideia.

“Isso não quer dizer nada.”

“Por que não?”

“Porque nós somos todos uns tipinhos complicados”, Corell disse.

“O que você quer dizer com isso?”

“Até mesmo alguém que quer morrer pode fazer planos para o futuro. Todo mundo fica dividido entre uma coisa e outra. Nesse caso, essa ideia pode ter passado pela cabeça dele na última hora.”

“Parece que ele era um sujeito muito culto.”

“Bem possível.”

“Nunca vi tanto livro.”

“Eu já. Mas também tem outra coisa sobre esse sujeito”, Corell disse.

“O quê?”

“Não sei dizer bem. Só sei que tem alguma coisa estranha. Você desligou a chapa lá em cima?”

Block fez que sim. Parecia que queria acrescentar alguma coisa, mas não tinha certeza se era uma boa ideia.

“Você não acha que tem muito veneno na casa?”, ele questionou.

“Sim, tem”, Corell disse.

Havia o suficiente para matar uma companhia inteira do Exército, e eles falaram sobre isso por um tempo, sem chegar a lugar nenhum.

“Não dá uma impressão de que ele estava tentando dar uma de alquimista? Ou no mínimo de ourives?”, Block sugeriu.

Block contou que tinha encontrado uma colher dourada na oficina.

“É um belo trabalho. Mesmo assim dá para ver que foi ele que fez. Se quiser, vá ver lá em cima.”

“Verdade”, Corell disse, tentando parecer empolgado, mas ele quase tinha parado de escutar.

Mais uma vez estava perdido em pensamentos.

3

Desde a época da guerra, Corell considerava possível perceber a insanidade à distância, como se o ar ficasse mais opressivo, ou até como se houvesse um cheiro, talvez não exatamente o fedor de amêndoas amargas, mas ao sair na chuva de novo estava convicto de que havia sentido lá dentro a loucura em estado concentrado. Ele não conseguia se livrar da impressão de que tinha sido infectado por algo insalubre, mesmo depois de os maqueiros terem levado o corpo, às seis e quarenta. Um vento mais quente soprou do leste e a chuva amainou, mas é claro que não chegou a parar, e ele olhou na direção da governanta sentada sob a luz de um poste com o guarda-chuva emprestado e que parecia tão minúscula, como uma criança muito idosa, e agora começou a entrevistá-la com mais gentileza.

Seu nome era Eliza Clayton, e morava em Mount Pleasant Lacey Green, não muito longe. Ela trabalhava para o dr. Turing quatro dias por semana, e nunca houve problemas, ela disse, só era um pouco difícil saber o que fazer com toda a papelada e com todos aqueles livros. Naquela tarde ela havia entrado na casa com a própria chave. Na hora, a luz do quarto estava acesa. Nem as garrafas de leite nem o jornal tinham sido recolhidos, e os restos de uma refeição de costeletas de carneiro estavam na cozinha. Os sapatos do dr. Turing estavam do lado de fora do banheiro, o que ela achou estranho, e o encontrou

deitado no quarto “bem como o senhor viu”, com o cobertor até a altura do peito. Ela tocou nas mãos dele. Estavam frias, e ela deve ter gritado. “Foi um choque, um choque horrível”, e como o dr. Turing não tinha telefone usou o da vizinha, a sra. Gibson, “e então o senhor chegou, e é só isso que eu sei”.

“Eu não teria tanta certeza.”

“Não?”

“O que interessa para nós é o que aconteceu antes”, Corell disse, e ela acenou com a cabeça e contou que Alan Turing havia recebido uma visita de seu amigo, o dr. Gandy, no fim de semana anterior, e que eles tinham “se divertido muito” e “feito coisas muito agradáveis” e que na terça convidou os vizinhos, o sr. e a sra. Webb, para jantar, e que isso também “foi um sucesso”, e que o sr. e a sra. Webb se mudaram em seguida, na quarta ou na quinta.

“Meu patrão estava de muito bom humor. Estava feliz. Brincava comigo.”

Corell não retrucou, nem se importou em perguntar que tipo de brincadeira Turing fazia com ela. Deixou que ela falasse e só fez anotações ocasionais. Aquilo parecia mais um discurso feito para defender alguém do que um depoimento, e ele entendeu muito bem a razão. Suicídio era crime, e ela provavelmente se sentia responsável de certa forma. Era a governanta. Parecia não ter havido nenhuma outra mulher na casa, e ela mencionou em vários momentos a mãe dele, Ethel.

“Deus do céu, o que é que eu vou dizer a ela?”

“Nada por enquanto. Vamos entrar em contato com os parentes. A senhora tem alguém com quem possa conversar?”

“Sou viúva, mas dou um jeito”, ela disse, e depois de mais algumas perguntas ele aproveitou a deixa e saiu em direção à delegacia na Green Lane, passou pelos jardins densos de árvores folhosas da região, e logo a chuva parou.

Era agradável ter uma interrupção na chuva. Tinha chovido mais do que em qualquer outra época de que conseguia se lembrar, dia após dia, e nesse tempo todo ele vinha se arrastando em meio às poças. Dava para ouvir Doris Day cantando em uma janela: “So I told a friendly star. The way that dreamers often do”. A música ficou no topo das paradas a primavera inteira, e ele cantou junto — tinha visto o filme *Ardida como pimenta*, de onde saiu a canção —, mas a melodia foi desaparecendo enquanto caminhava, e ele olhou para o céu.

Havia faixas de nuvens cinzentas passando sobre sua cabeça. Ele repassou o que viu na casa e ficou pensando em algo que pudesse sugerir que aquilo não fosse um suicídio, além do fato de não existir um bilhete. Não pôde pensar em muita coisa. Por outro lado, não conseguia se concentrar por muito tempo. A todo momento saía por tangentes, e logo só o que restava do caso na sua cabeça era uma vaga sensação de incômodo. Embora a investigação supostamente deixasse seu trabalho um pouco mais estimulante, o caso continuava lhe escapando nas profundezas de sua melancolia, e a única coisa que emergia eram os cálculos matemáticos, dançando em sua consciência como lampejos aflitivos de um outro mundo, de um mundo melhor.

Leonard Corell tinha vinte e oito anos, jovem o suficiente para ter escapado da guerra por um triz, mas já com idade bastante para ter a impressão de que a vida o estava deixando para trás. Ele saiu da patrulha mais cedo do que a média e foi transferido para o setor de investigações criminais em Wilmslow, uma promoção bem rápida na polícia, mas na verdade não era aquilo que esperava do mundo, não só em função da classe em que tinha nascido, e à qual já não pertencia, mas principalmente por ter sido bom aluno. Além disso, sempre foi um menino com facilidade para matemática.

Ele nasceu no West End de Londres. Mas a família já tinha sofrido o primeiro golpe fatal com o crash dos mercados financeiros em 1929. O pai, um intelectual com alguns contatos no grupo de Bloomsbury, conseguiu manter as aparências por um bom tempo, o que multiplicou por dois o tamanho do estrago. O problema não foi apenas que o dinheiro escorreu ainda mais rápido por entre os dedos do pai enquanto ele fingia que tudo estava bem. Com sua tagarelice e aparência imponente, ele convenceu o filho de que a família era privilegiada e especial, e que Leonard podia ser o que quisesse. Mas eram promessas vazias. O mundo e as oportunidades que oferecia foram encolhendo, e no final só o que sobrou foi a sensação de logro. Às vezes, Corell tinha a impressão de que o início de sua vida era algo como um país que lhe foi arrancado, pouco a pouco. Agora achava que sua infância tinha sido uma jornada rumo à solidão: os criados precisaram ir embora, um a um, e quando a família se mudou para Southport só haviam restado ele e os pais. Mas o pai e a mãe também iriam desaparecer, cada um a seu modo. Tudo foi tirado dele. Claro que seria simplificar demais acreditar que a culpa de tudo era de circunstâncias externas. Seria o tipo de pensamento romântico que ele usava para se

consolar, uma visão exageradamente sentimental de uma vida em que continuaram existindo oportunidades e em que costumava se refugiar com frequência até demais em autopiedade e resignação. Mas o mundo tinha lhe dado sua cota de pancadas e de tragédias, e pode ser muito bem verdade, como ele acreditava, que uma parte de sua personalidade tivesse sido sufocada ou suprimida ao longo dos anos. Quando via sua vida com maior distanciamento, coisa que às vezes fazia, não conseguia reconciliá-la com a imagem que seguia tendo de si mesmo, e havia vezes em que não era capaz de compreender que a pessoa andando pelas ruas de Wilmslow de fato era ele.

Ele ficou surpreso com a rapidez da investigação. Alguém da cúpula da polícia em Chester decidiu que era necessária uma autópsia preliminar naquela mesma noite, e que Corell devia estar presente. Mais tarde, ele só teria vagas memórias daquilo. Ele detestava autópsias e na maior parte do tempo desviava o olhar, mas isso não ajudava muito. O som de uma faca, o crepúsculo lá fora e o fedor de amêndoas amargas saindo até dos intestinos do morto eram bastante evidentes. Deus do céu, que trabalho horroroso! Quando o dr. Charles Bird murmurou “envenenamento, claramente envenenamento”, a cabeça de Corell imaginou uma cor, um belo azul, como se quisesse pintar por cima do medo nu que havia dentro dele, e por um longo tempo mal ouviu as perguntas do patologista. Respondeu com um sim ou um não àquelas que exigiam mais elaboração, e talvez tenha sido por isso que o médico quis ver a casa com os próprios olhos. Corell devia ser seu guia, e de início pensou, não, de jeito nenhum, já vi o suficiente daquele lugar. Depois mudou de ideia. Ele não gostava de Bird. Era um sujeito pretensioso. A conversa do médico era bastante amistosa, mas nas entrelinhas e com uma olhadela que dava de vez em quando deixava claro quem era que tinha educação e status. A aparência do sujeito era repulsiva. Suas pupilas eram cobertas por uma espécie de película embaçada. Corell teria preferido outra companhia. Por outro lado, não tinha vontade de ir para casa, e podia ser bom ver o lugar de novo, embora pudesse despertar tantos demônios. Assim ele se viu mais uma vez andando pela calçada estreita rumo à casa da Adlington Road. O médico falava sem parar, como se a oportunidade de fazer mais uma autópsia em suas horas vagas o deixasse todo animado.

“Contei que meu filho vai estudar medicina?”

“Não.”

“Você está meio quieto hoje.”

“Pode ser.”

“Mas você não se interessa por fenômenos astrológicos, ou será que sim? Deve ter ouvido que vai ter um eclipse total do sol.”

“Acho que ouvi.”

“Vai ser empolgante, não?”

“Não sei muito bem. Acaba rápido, né?”

“Um orgasmo também acaba rápido, mas parece que a humanidade gosta disso mesmo assim”, o médico disse e soltou uma gargalhada medonha, que Corell ignorou; ele ficou quieto enquanto Bird elaborava algum tipo de teoria sobre o eclipse solar e o olho humano, terminando com o fato de que o racionamento devia acabar no verão:

“Hora de virar um glutão de novo.”

A mera imagem de Charles Bird se empanturrando de comida enojou Corell, que baixou a cabeça sem dizer nada, olhando para a calçada, embora possa ter murmurado algo, porque o médico respondeu com um incompreensível: “O tempo dirá!”. O salgueiro apareceu à distância. Ele servia bem ao seu propósito de marco. As casas na Adlington Road não tinham número, só nome, e quando passou pelo portão em que a desbotada placa dizia “Hollymeade” Corell olhou na direção do inacabado caminho de tijolos, como se esperasse que a obra tivesse avançado rumo à porta, mas o caminho seguia ali como se fosse uma trilha que desaparecesse em meio à fumaça. Pensativo, abriu a porta da frente com a chave que pegou com a governanta. No hall ele farejou o ar, alerta. Algo tinha mudado. No início não sabia dizer o que, mas então percebeu que obviamente havia algo faltando, e notou que o fedor já não era tão forte, embora ainda fosse bastante perceptível.

“Cianeto, definitivamente cianeto”, o médico murmurou, como se fosse um orgulhoso conhecedor enquanto subia as escadas com movimentos impacientes e desajeitados.

Corell ficou no andar de baixo, e a única coisa que queria era sair dali. A casa ainda o incomodava, e ele tentou escapar para os mesmos pensamentos inadequados de antes, mas não conseguiu, e chegou a sentir o suor que brotava sob a camisa. Ele acabou subindo, claro, e quando entrou no quarto conse-

guiu relaxar. O cômodo parecia transformado e quase inocente em meio à bagunça boêmia. Os lençóis e os cobertores estavam amarrotados sobre o colchão, como se alguém tivesse levantado sem fazer a cama, nada mais do que isso.

“E esta é a maçã de que você me falou?”

O médico se inclinou sobre a fruta, cutucando com um dos palitos de fósforo num dos lugares em que tinha sido mordida.

“Talvez a maçã fosse para tirar o gosto amargo”, ele disse.

“Acho que o sr. Turing não estava em busca de uma experiência com sabores”, rebateu Corell.

“O ser humano sempre tenta limitar seu sofrimento.”

“Mas por que uma maçã, nesse caso?”

Corell não tinha certeza do que estava tentando dizer, só sentiu uma necessidade irresistível de responder.

“Como assim?”

“Pode ser que a maçã tenha algum significado.”

“Em outras palavras, um significado simbólico?”

“Pode ser.”

“Como alguma coisa bíblica? Algum tipo de Queda, talvez.”

Corell murmurou, sem saber exatamente o que queria dizer:

“Paraíso perdido.”

“Ah, você está se referindo a Milton”, o médico exclamou em seu modo inequivocamente arrogante, e Corell pensou *vá à merda*, mas não disse nada.

Saber o título da obra-prima de Milton não era exatamente motivo de orgulho, e a mera suspeita de que tenha tentado compensar sua sensação de inferioridade com uma tentativa de esnobismo intelectual o deixou envergonhado. Ele foi para o corredor e virou à esquerda, entrando no quarto em que tinha achado a garrafa com o cianeto de potássio. Uma escrivaninha de mogno com veludo verde na superfície ficava ao lado da janela. Era uma bela peça de mobília. Escrivaninhas ornamentadas sempre lhe despertavam uma espécie de desejo, e ele passou a mão pelas fechaduras douradas. Quando pegou o bloco de anotações que tinha olhado mais cedo e correu o indicador por uma equação da esquerda para a direita, pareceu que os números sussurraram “venha nos resolver”, e ele lembrou o que um professor do Marlborough College lhe disse uma vez:

“Você entende rápido, Leonard. Você chega a contar?”

“Não, senhor, eu vejo.”

Antigamente, ele conseguia ver. Agora só era capaz de seguir a primeira parte da equação, o que era irritante, e com um olhar intrigado vasculhou a sala. Na verdade, provavelmente não havia nada de estranho ou diferente nela, mas naquele momento a própria casa parecia um enigma em busca de solução, e embora ele percebesse que na maior parte das vezes tudo acabava em becos sem saída, que só interessariam a um biógrafo ou a um psicólogo mas que não tinham importância para uma investigação policial, aquela história tinha algo intrigante.

Parecia ter coisas acontecendo em todo lugar, experimentos, anotações, cálculos, era como se a vida tivesse sido ceifada de forma abrupta. Quem quer que vivesse aqui podia ter cansado da vida, mas estava profundamente envolvido nela, e talvez isso nem fosse tão estranho, todo mundo precisa viver até morrer. Mas, se foi suicídio, o modo escolhido não era meio complicado? Se o sujeito queria tirar a própria vida, por que não bebeu logo a garrafa de veneno e caiu duro, morto? Em vez disso, tinha colocado em funcionamento todo um processo, com uma panela fervendo, fios saindo do teto e meia maçã. Podia muito bem estar tentando dizer algo com isso. Curioso, Corell mandou em pensamentos o maldito Bird pastar e olhou as gavetas da escrivaninha.

Era parte do trabalho, claro, mas ele não se sentiu confortável fazendo aquilo, especialmente depois de ouvir os passos do médico lá fora, e depois de encontrar alguma coisa na gaveta inferior esquerda que o dono da casa parecia querer esconder. Era uma medalha, uma cruz de prata com um anel de laca vermelho no centro, depositada numa superfície de veludo. O lema dizia “Por Deus e pelo Império”. O que Turing tinha feito para merecer aquilo? Não era uma medalha esportiva, nada do gênero. Era algo mais importante, talvez uma condecoração de guerra, e por um momento Corell sopesou a medalha na mão, fantasiando que era ele o homenageado por alguma conquista extraordinária, mas, embora muitas vezes tivesse inventado feitos heroicos para si mesmo sem nenhuma dificuldade, agora não conseguia pensar em nada específico e, constrangido, colocou a medalha de volta no lugar. Ele seguiu procurando. Havia documentos e objetos em toda parte nas gavetas, um par de pedras cor de areia, um transferidor, régua de cálculo e um canivete marrom. Na gaveta superior direita, debaixo de um envelope do Clube Atlético

Walton, encontrou duas folhas de papel escritas à mão, uma carta para alguém chamado Robin e — sem entender o porquê — ele as colocou no seu bolso lateral e saiu para o corredor. Ali encontrou o dr. Bird, que parecia passar mal e ao mesmo tempo manter sua pose solene. O médico segurava a pequena garrafa de veneno.

“Envenenamento por ingestão deliberada de cianeto. Essa é a minha conclusão preliminar, mas acho que você já imaginava”, ele disse.

“Não imagino nada. Evito essas conclusões apressadas”, Corell rebateu.

“Faz muito bem, claro. Mas ser lento nem sempre é uma virtude. Agora vamos, estou morrendo de vontade de um copo de xerez”, o médico disse, e eles começaram a descer as escadas e saíram para a rua mal iluminada.

No portão, perto das samambaias e dos arbustos de amora-preta, eles se separaram, e Corell foi andando, esperando encontrar Block, a quem tinha mandado bater nas portas da vizinhança. Mas era muito tarde. Não tinha ninguém na rua. Só se ouviam a chuva e um cachorro uivando, e por isso ele andou cada vez mais rápido e na altura do Wilmslow Park começou a correr, como se não pudesse esperar para chegar em casa.